



# O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE ABRIL DE 1980



## esquema persistente

—Jorge de Barros

Quando Ele nasceu, os que souberam do acontecimento agiram de modo estranho. Primeiro, foram impelidos por um sentido de urgência: todos nos lembramos de pastores apressados nos caminhos de Belém. Também, inundou-os uma grande alegria: a Boa Nova do céu destinava-se a cada criatura. Vimos, ainda, que as testemunhas do Natal tiveram o imperativo de divulgar o acontecimento.

Curiosamente, o mesmo esquema se repete pela Páscoa. Testemunhas da ressurreição agem depressa. Correm as mulheres que acharam o sepulcro vazio; corre Pedro, que buscava a confirmação do milagre; correm os discípulos de Emaús que, finalmente, reconheceram Jesus.

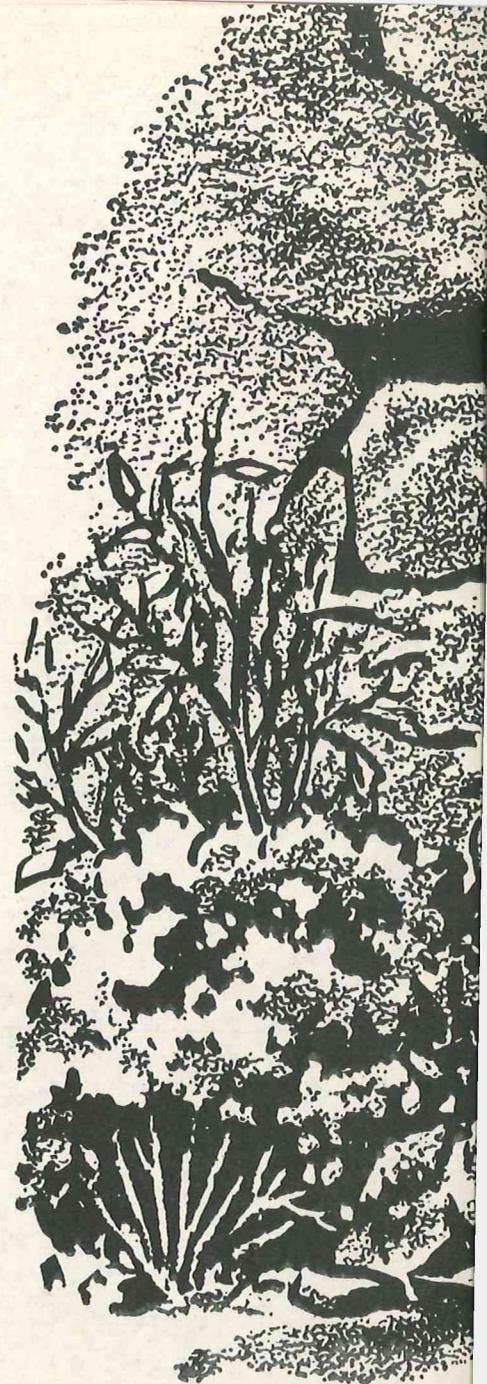
A alegria do Natal persiste e se amplia por ocasião da Páscoa. Palavras como *júbilo*, *gozo*, *contentamento*, *assombro*, *maravilha*, caracterizam a narrativa da ressurreição. O estado emocional de algumas mulheres foi de tal ordem, que os discípulos chegaram a rotular de *desvario* a nova que elas davam do Cristo vivo.

Uma vez seguras da autenticidade do milagre, todas as testemunhas dele passaram a divulgá-lo: não podiam calar-se a respeito do que tinham ouvido e visto. Sabiam, também, que era a mensagem de esperança e vida de que precisava o seu mundo.

Séculos mais tarde, no tempo chamado hoje, os amigos de Jesus vivem ainda o clima e os imperativos da primeira Páscoa. Um sentido de urgência impulsiona a Igreja a correr, "porque a noite vem quando ninguém pode trabalhar". A consciência de que há em Jesus remédio eficaz para o mundo agonizante, deve acelerar todas as comunidades cristãs. Passou a hora da contemplação mística alienada da calamidade social: estafetas devem gritar a mensagem de que *tragada foi a morte na vitória*.

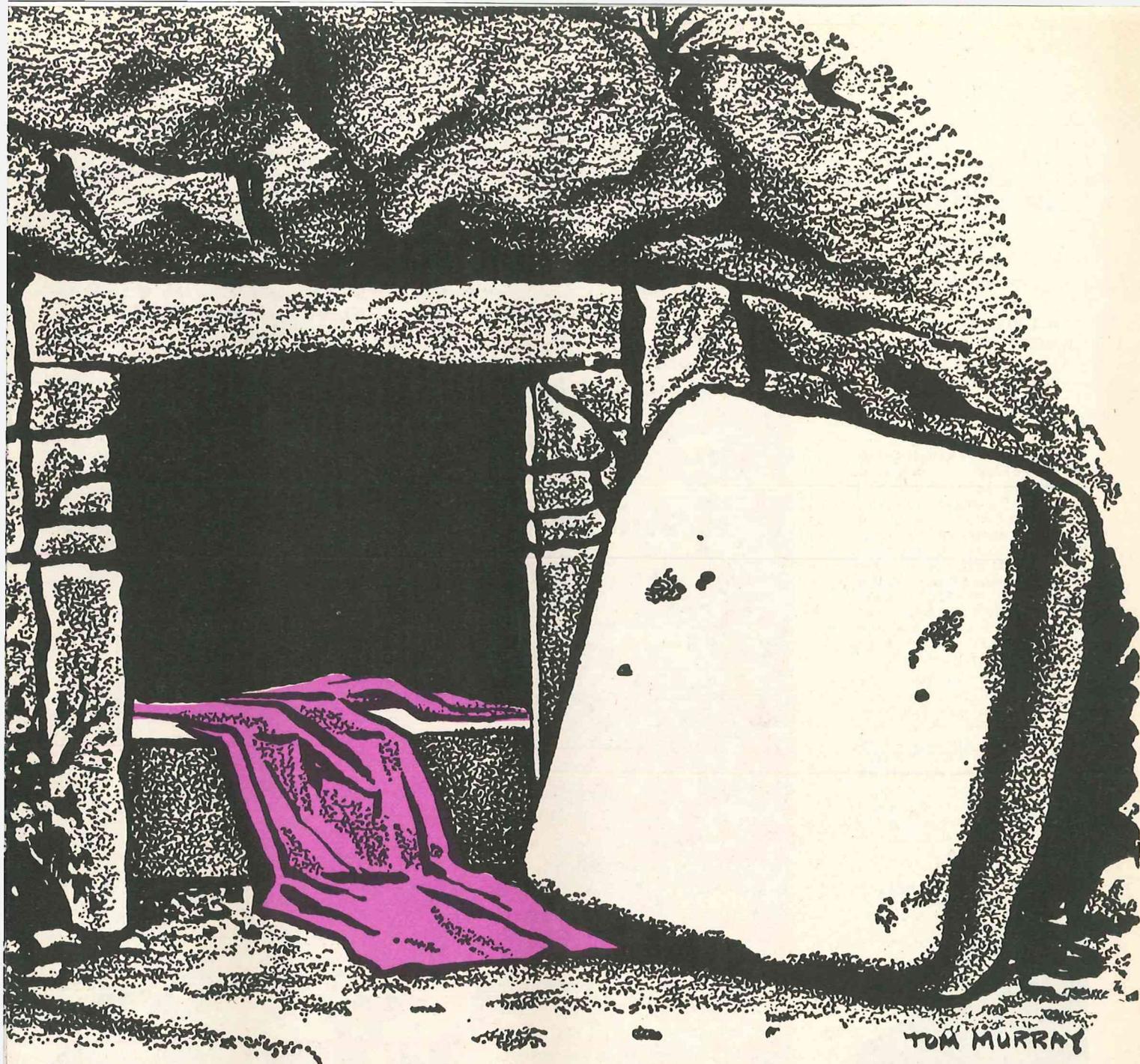
Esta notícia é extraordinariamente alegre. Com as suas cores radiantes, a Páscoa levantou o luto que envolvia a alma da terra. Porque Ele vive, nós viveremos. Mesmo para os que o pecado matara, há gloriosa esperança. Jesus afirmou: "Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá" (João 11:25).

O imperativo de divulgar o milagre da Páscoa marca a missão permanente da Igreja. Veículos de alcance universal facilitam hoje esta missão. A suplementar o esforço de grupos e de cada indivíduo na comunidade local, temos a página impressa, as ondas da rádio e da televisão, o ministério da música e até de recursos não convencionais. O que realmente importa é que o grito perfure todas as cortinas do mundo com a jubilosa notícia: a morte—"o último inimigo"—, foi vencida por Jesus Cristo. □



o  
ressurreição  
—alma do  
nossa fé

—George Coulter  
Superintendente Geral



Na vida de Jesus, três grandes eventos formam os pilares em que assentam as esperanças e anseios da humanidade. A manjedoura, a cruz e o trono são os alicerces da obra redentora de nosso Salvador, Jesus Cristo.

O cenário da manjedoura é belo. Reis magos adoram, pastores maravilham-se e anjos cantam paz e boa vontade para com os homens.

A cruz foi lugar de trevas, terror e morte.

Mas nosso Senhor Jesus Cristo não ficou na manjedoura. Nem continua na cruz. A glória da fé

cristã está em que Cristo que nasceu em Belém, foi crucificado no monte Calvário e sepultado no túmulo de José de Arimateia, ressuscitou dos mortos e, agora, reina em poder e glória!

Os outros sepulcros testificam da realidade e poder da morte. Mas a tumba vazia de Jesus Cristo proclama em termos inconfundíveis, a autenticidade da vida e da vitória!

Na manjedoura há fragilidade; na cruz, morte; mas no trono, poder! Alegramo-nos com o Seu nascimento. Estamos gratos pela

Sua morte. Entretanto, a coroa dos nossos anseios é o Salvador vivo, à direita de Deus!

Hoje, a esperança cristã brilha profundamente, apesar das tragédias que desiludem os homens!

Hoje, podemos amar-nos uns aos outros e descansar na esperança certa e segura da ressurreição!

Hoje, conhecemos a presença do Salvador que vive conosco na Pessoa do Espírito Santo!

Hoje, temos vitória nas lutas da vida por Jesus Cristo, nosso Senhor ressurrecto! □

# O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume IX  
Número 7  
1 de Abril de 1980

H. T. REZA, Director Geral  
JORGE DE BARROS, Director  
ACÁCIO PEREIRA, Redactor  
ROLAND MILLER, Artista  
CASA NAZARENA DE  
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



CAPA: Foto por David Christofferson



O facto da Ressurreição é um dos que mais tem intrigado a humanidade de todos os tempos. Já no Velho Testamento muitos criam nisso embora vários outros o não aceitassem, suscitando sérias controvérsias. Muitas coisas que outrora eram consideradas fora da esfera de compreensão estão sendo discutidas na rua hoje. Os avanços da ciência trouxeram à plena luz do dia muito do que estava encoberto. E os cépticos das gerações passadas já estão a pensar de outra maneira sobre este assunto.

Narrativas bíblicas associadas a categorias de mitos têm sido comprovadas pela arqueologia e outras ciências. O próprio Deus tem sido mais real para os que desejam crer, sobre tudo quando penetram no vasto mundo das ciências; é porque trazem men-

tes e corações abertos ao espiritual.

Todavia, para os que não querem crer, o mais fácil é a rejeição cega e imediata de qualquer doutrina com cheiro a religião porque, justificam, não tem apoio no que consideram *científico*; como se toda a ciência se restringisse ao campo visual. Verdade é que há mais ciência no mundo invisível do que no aparente. Porque esta do mundo visível desaparecerá, conforme declarou Paulo em I Coríntios 13; a outra ciência porém—aquela do Espírito—é eterna.

Não procuremos provar a Ressurreição a não ser por uma VIDA

## CRISTO VIVE!

—António M. Barbosa\*

TRANSFORMADA. Aquele que aceitou pela fé o milagre do *novo nascimento*, aceitou o baptismo da conversão, na morte para o pecado. E se de facto não pretende divertir-se com assuntos sérios, opera-se nele uma transformação que só se pode explicar com o facto de que *Cristo vive em nós*. E todos os que procuram identificar-se com Ele são feitos participantes da Sua vida; e o mundo há-de reconhecer este facto. Esta é a maior prova da Ressurreição:

*Porque eu vivo, e vós viveis.* □

\*Praia, Cabo Verde

## O mistério da salvação

—H. T. Reza

Dois troços de madeira em forma de cruz.

Três cruces em fila.

Três homens supliciados, cada um numa delas.

Dois sucumbiram ao sofrimento. Um, depois de ter confessado seus pecados, arrependeu-se. Outro, após algumas blasfémias, inclinou a cabeça.

A cruz do centro era igual às outras; mas, para nós, evoca algo diferente: chamamo-la cruz redentora. As laterais têm outros nomes—do bom ladrão, como se houvesse ladrões bons; e do mau ladrão, sugerindo graus no roubo. Segundo a tradição, os ladrões chamavam-se Dimas e Gestas.

Mas em que se baseia o mistério da salvação? No madeiro da cruz? No tempo pascal? Na forma da crucificação? Nenhuma destas ideias parece desvendar o mistério.

Em I Coríntios 2:7, o apóstolo Paulo diz: “Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou, antes dos séculos, para nossa glória”. Resumindo, diríamos que a salvação é “sabedoria de Deus... para nossa glória”. Num versículo anterior o Apóstolo fala de “Jesus Cristo, e este crucificado”, como o mais nobre e digno.

O mistério da salvação é Deus dando e Cristo dando-*Se*. Não é mandato de Um para o Outro cumprir. É identificação de desejo só possível porque provém de duas Pessoas divinas. Esta é parte do mistério.

Mas há mais. O mistério da salvação é transferência do sofrimento duma pessoa para outra. Sofremos com Cristo, quando Ele sofre na cruz; agonizamos com Ele, quando exclama: “Deus meu, por que me desamparaste?” (Marcos 15:34). O Seu sofrimento é nosso, porque só assim a Sua ressurreição será nossa. Participar na Sua agonia, é assemelhar-se a Ele e pertencer-Lhe.

Esta identificação deixa de ser local, isto é, da semana santa, para se tornar transcendental através dos séculos. O mistério da salvação não só actuou no coração do ladrão arrependido, mas ainda hoje é eficaz em todo o ser humano. É a salvação de grande alcance. A prova do mistério da cruz está no perdão de pecados de qualquer pessoa e em qualquer lugar.

Em I Timóteo 3:16, Paulo declara, referindo-se à salvação: “Grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória”.

O maior mistério é que, sem compreender a cruz em todos os pormenores e sem analisar os passos da Paixão e morte de Cristo, podemos sentir o eco da salvação no palpar da nossa alma.

Sim, sei que Jesus pode salvar os pecadores, entre os quais você e eu somos os primeiros. □

"O capítulo da ressurreição", I Coríntios 15, do apóstolo Paulo é uma das passagens mais sublimes da Bíblia. Ele declara que a estrutura total do Cristianismo se baseia na ressurreição. Faz desfilar à nossa frente testemunhas verdadeiras e, a seguir, revela que a ressurreição de Jesus Cristo constitui a pedra angular da fé cristã.

Em I Coríntios 15:13-19, Paulo toca uma nota de horror em forma de pergunta retórica: "E, se Cristo não ressuscitou..." Que teria acontecido se Cristo não ressuscitasse dos mortos? A pregação do Evangelho careceria de finalidade e significado. A fé da Igreja seria vã. Os esforços teriam sido inúteis e os sofrimentos supérfluos! Além disso, o testemu-

nho da Igreja seria falso, sem esperança na morte, nem propósito na vida, e a eternidade seria noite escura de desespero.

Mas escutam-se outras notas nesta passagem escriturística. Pondo de lado o aspecto retórico, Paulo toca uma nota de felicidade quando afirma sem equívoco: "Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos..." (I Coríntios 15:20).

A Bíblia contém declarações proféticas sobre a ressurreição de Jesus. O Salmista disse: "Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção" (Salmo 16:10). A narrativa acerca de Jonas nas entranhas do peixe é profética quanto à morte e ressurreição de Cristo.

A ressurreição torna-se evidente quando uma alma se converte. A vida que "estava morta em delitos e pecados" é regenerada e ressuscitada. Que felicidade quando alguém encontra nova vida em Cristo! Ao orar sente-se verdadeira alegria. Só o saber que Cristo vive e que um dia nos conduzirá à presença do Pai celestial, é fonte de contínua felicidade. Chegarão ocasiões em que teremos de enfrentar a morte de algum ser querido. Então, ânimo, pois quando um fiel exala o último suspiro antes de entrar no reino da glória, sabemos que o Salvador o espera para lhe dar as boas-vindas.

Paulo ainda acrescenta outra nota musical de esperança à sin-

## sinfonia pascal



fonía da vida. O Salvador ressurrecto tornou-Se "as primícias dos que dormem" (I Coríntios 15:20). Com respeito ao porvir, tudo gira à volta da ressurreição. Se Cristo não ressuscitasse, não haveria futuro. Mas sabemos que Cristo vive e que voltará de novo. Porque Ele vive, virá buscar os Seus, como prometeu (João 14). Porque Ele vive, a morte perdeu o seu terrível aguilhão. Como segundo Adão, venceu a morte, o inferno e a tumba; e nós pudemos ser resgatados do mal herdado do primeiro Adão e compartilhar da felicidade do Éden celestial.

Que as notas melodiosas do poder da ressurreição ecoem nas nossas mentes e corações neste tempo glorioso de Páscoa. □

—Ed Felter



## ressurreição e cristianismo inabalável —Armando Sá Nogueira\*

O nosso mundo é uma grande plataforma em que vários personagens aparecem para actuar ao vivo!

Nessa plataforma têm surgido cientistas de renome, generais de valor, libertadores nacionais, religiosos consagrados e outros mais.

Jesus Cristo não foi apenas *mais um*. Como disse Pilatos: "Eis aqui o homem!" Ele conseguiu mudar e influenciar a história do homem com a Sua personalidade, doutrina e autoridade!

A religião cristã é histórica porque está cimentada em acontecimentos definidos: nascimento de Jesus, três anos frutíferos de ministério, Sua morte, sepultura e ressurreição.

A Igreja, multiplicada e espalhada à volta do mundo, ficaria inactiva—sem história a contar, sem um Alvo a apresentar e sem um Salvador—, se Cristo não tivesse ressuscitado.

O Cristianismo é inabalável porque Jesus vive e faz de cada cristão sincero uma testemunha de coração ardente! E como poderemos calar se a chama da fé continua a arder? Se a nossa própria vida, casa e igreja sentem a influência poderosa deste Cristo vivo?

Houve no passado tentativas para fazer cair por terra a realidade da Sua ressurreição. Não só a dos chefes dos judeus, por afirmarem que os discípulos roubaram o corpo; muitos anos depois, eruditos incrédulos tentaram explicar . . . para nos convencer:

—que "os discípulos simplesmente experimentaram uma alucinação".

—que "Jesus realmente não morreu; apenas desmaiou e ainda estava vivo quando O tiraram da cruz".

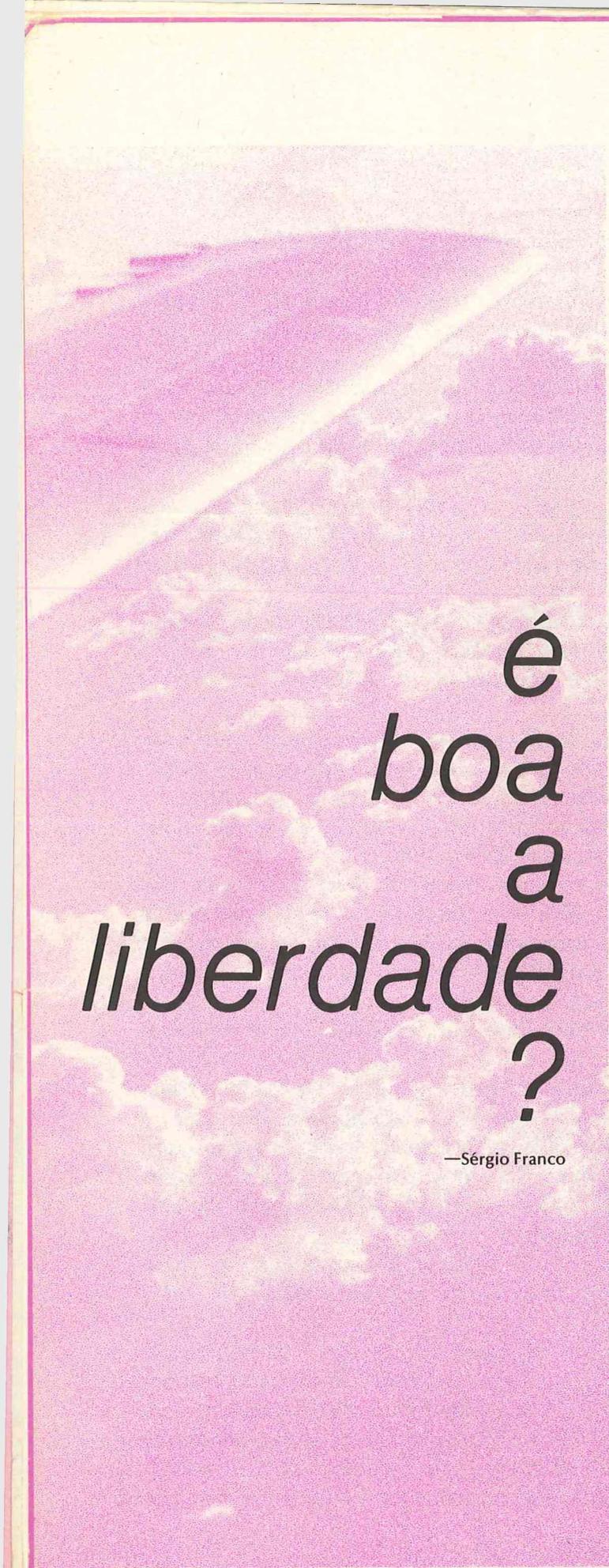
Somos gente de fé. Segundo o número apontado pelo apóstolo Paulo, achamos que mais de 500 pessoas não poderiam ter sido vítimas simultâneas da mesma alucinação, mera alucinação. . .

Tão pouco foi um desmaiado a apresentar-se fisicamente perante os Seus discípulos com a saudação: "Paz seja convosco".

Pelo contrário, segundo um teólogo, "a ressurreição de Jesus Cristo é um facto tão bem comprovado como o do assassinato de César". Não temos interrogações acerca dele, mas confirmação. Muita gente na nossa sociedade exclama: "Ele ressuscitou, pois a minha vida foi radicalmente mudada! Tenho paz interior e alegria no meu trabalho e lar!"

Bendita a Sua ressurreição! □

\*Praia, Cabo Verde



# é boa a liberdade?

—Sérgio Franco

Segundo a história, os homens crêem que a liberdade é a sua posse mais preciosa. Ser humano implica ser livre. Cedo ou tarde, a pessoa deseja sê-lo a qualquer preço!

Mas, que é liberdade? Se a luta contra a opressão é a nossa única fonte de compreender o que é ser livres, e se agimos egocentricamente, ela torna-se prejudicial. Talvez tenhamos de dizer que não é possível viver sem liberdade, mas nem sempre a sabemos usar bem.

1. *Principiemos a busca por nós*, que desejamos ser livres. Berdiaeff começa precisamente aqui o seu estudo:

“O homem é um enigma e, talvez, o maior... É um ser de duas naturezas e contraditório. Polarizado até ao último grau. É como Deus e como animal; exaltado e humilhado; livre e escravo; pronto a subir e a descer; capaz de amor abnegado e de ferocidade incrível.”

É isso o que somos. A liberdade é um valor, mas quem já a recebeu? Não se trata de comentário religioso. Destovieski, Kierkegaard, Bergson e Nietzsche (“a vontade do poder e a crueldade”) situam-se entre os que reconheceram esta dualidade. Não podemos compreender a *liberdade* sem considerar a *natureza* humana.

2. *Que é liberdade?* O homem moderno deu um novo significado à liberdade, guiado, em parte, pelas ondas políticas e sociais do nosso século. Ser livre é sacudir jugos. Há clima propício para sacudir todos os jugos e desfazer todas as barreiras. Ninguém quer fazer o que “outros” ordenem. A luta pelos direitos humanos e cívicos e os movimentos de libertação, tomaram esta frase como lema de conduta: “Faze o que queres!” Jovens e adultos deixaram-se “levar na onda” e pretendem ser livres a seu modo.

Historicamente, o significado da liberdade tem dado aso a longa e profunda reflexão. Os gregos afirmaram que era “dispôr de si mesmo”. Aristóteles reconheceu a existência de dois mundos: natural e moral. Disse que conhecer o bem equivalia a praticá-lo, se não houvesse impedimento. A história desmente Aristóteles. A crueldade humana leva-nos a desacreditá-lo. Quando um miliciano espanhol, refugiado em França, notou que se desencadeara na Europa uma luta cem vezes pior que a guerra civil de Espanha, afirmou: “Já ninguém quer ser bom”.

O apóstolo Paulo determinou o rumo do pensamento cristão ao declarar: “O querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas, o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7:18-19). Educado na filosofia grega, conhecia o pensamento de Aristóteles, mas corrigiu-o em que não basta conhecer o bem e ser-se livre para o praticar. É preciso esforçar-se.

No norte de África viveu um jovem chamado Agostinho que se dedicou à filosofia. Aos 17 anos de idade leu e seguiu as ideologias radicais do seu tempo. Rejeitou a fé cristã de sua mãe. Pretendeu ser um jovem e, depois, homem “livre”. Todavia, aos 32 anos, sua inteligência esclarecida lhe mostrou que o seu conceito de liberdade o conduziu à escravidão. Fazer o que queria, não o satisfizera. Ao ler uma passagem da carta de Paulo, acima mencionada, Agostinho viu a luz e caiu de joelhos. É significativo que a este homem super-livre (libertino) devamos o conceito mais profundo da liberdade. Ajo-

lhara-se o homem libertino; levantara-se o homem livre. Depois transmitiu-nos a sua frase: "Ama a Deus e fazer o que queiras".

3. *O enigma da liberdade.* Édipo, o protagonista do melhor drama de Sófocles, descobre horrorizado que veio ao mundo para concretizar um propósito para o qual se sente impotente. Então exclama: "No mundo ninguém há tão condenado como eu!" A agonia do homem, o enigma que Berdiaeff assinala, é que nasceu para ser livre e, por vezes, essa liberdade causa a sua ruína. Alexandre, personagem dum livro de Unamuno, ama Júlia, sua esposa. Mas o seu comportamento provoca a morte da companheira. Então ele suicida-se. A obra de Unamuno tem impacto em nós, porque Alexandre é nosso retrato: prejudicamos mais a quem amamos mais. Os piores danos não são causados pela "opressão do sistema", mas por nós próprios. Pessoas egoístas, confusas e, até, de boa moral, lesam-se a si e aos outros, no exercício da sua liberdade.

O que nem sempre indica decisões imorais ou anti-sociais. O homem moderno enfrenta situações de grande variedade e complexidade. José M. Bonino apresenta algumas:

"No caso dum lar com um filho mongolóide: deve-se interná-lo num albergue, única solução para seus recursos, para depois vê-lo afundar-se num pântano de brutalidade e, finalmente, desaparecer da memória?"

"Que devo comprar primeiro? Como resolver as desavenças com minha esposa? Dada a situação familiar, onde colocar a minha idosa mãe?"

"Noivos pensam formar um lar. Poderão ter uma família numerosa? Terão recursos para assegurar aos filhos uma vida decente? Poderão comprar "mais coisas", se a mulher trabalhar?"

"Chegou o tempo de mudar de carro! Não é que o presente já não sirva, mas gostariam de ter outro maior e novo. Temos o direito de agir assim?"

Devemos decidir-nos em seguir determinada direcção, só porque "somos livres"?

4. *Solução?* Cedamos à liberdade para a usarmos correctamente. Entreguemo-la nas mãos de alguém que nos ensine a empregá-la na *realização do bem*. Mas, a quem? Muitos se oferecem. Ao iniciar a sua Epístola aos Romanos, Paulo descreve-se como "servo de Jesus Cristo", mas a palavra que emprega, significa no original "escravo".

Foi essa a descoberta do apóstolo Paulo e de Santo Agostinho. Só quando somos escravos de Jesus Cristo, podemos usar bem a liberdade. O enigma resolve-se com um paradoxo: quando somos escravos, somos livres, verdadeiramente livres. A frase de Agostinho é clara: se amamos a Deus, faremos o que queremos, porque o que queremos é o que Ele quer.

Berdiaeff diz algo profundo ao afirmar que o homem só pode escolher *de quem* será escravo: da sociedade, de certa ideologia, do materialismo, do prazer, do vício ou de si mesmo. Porém, ainda existe outra alternativa: o homem pode entregar-se a Jesus Cristo. *Você pode.*

É boa a liberdade? Depende de quem a tem. Sem liberdade não podemos viver, nem chegar a existir. Mas só a usaremos bem, quando a depositarmos definitivamente nas mãos do Crucificado. □

# SE JESUS



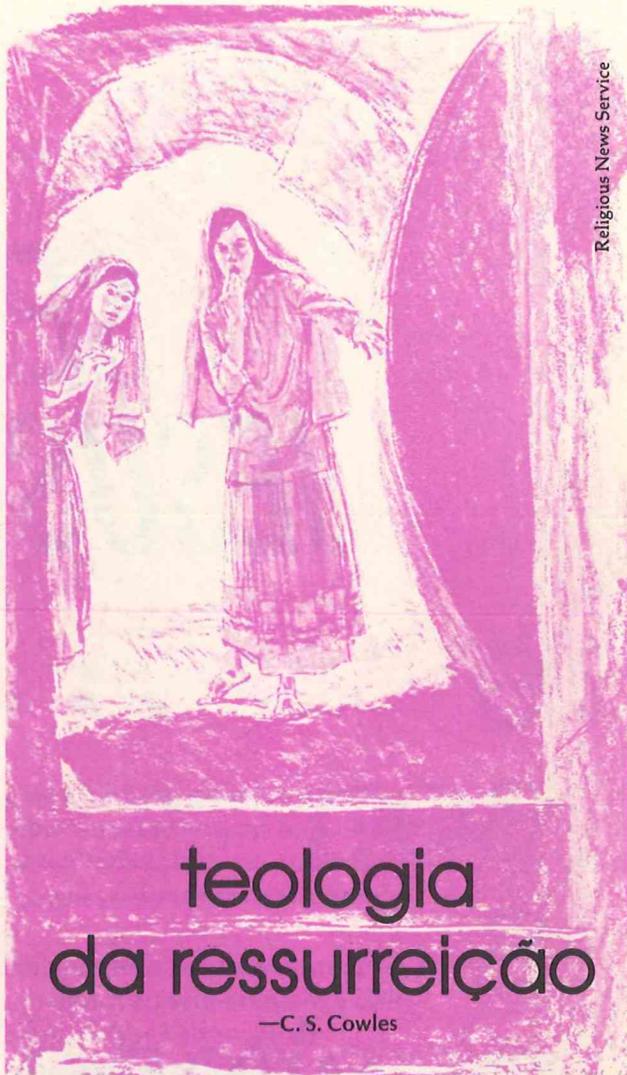
*Se Jesus estivesse em minha vida  
Naquele instante em que me vi tentado,  
Eu não teria a força combalida,  
Deixando-me vencer pelo pecado;*

*Se Jesus, na minh'alma compungida,  
Pelo exemplo estivesse retratado,  
Eu não teria a rútila subida  
Da Fé, pela ilusão abandonado;*

*Se nos meus indecisos pensamentos  
E nas minhas acções, nos meus intentos,  
Só brilhasse a vontade de Jesus;*

*Eu não teria me desfeito em pranto  
E nem, tão-pouco, fracassado tanto,  
Ao levar cada dia a minha cruz.*

—Mário Barreto França



## teologia da ressurreição

—C. S. Cowles

“E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados... Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos” (I Coríntios 15:17, 20).

Num dos seus livros, A. Solzhenitsyn diz que “as células do coração, que a natureza criou para a alegria, morrem por falta de uso. Esse pequeno órgão, situado no peito, é a base da fé, e se permanece vazio durante anos, destrói-se”.

Quanto à ressurreição corpórea de Jesus, o problema não é teológico ou de falta de fé, mas de decadência—por falta de uso. O bom pregador do Evangelho é capaz de sacrificar a vida para defender a sua posição e da sua igreja, respeitante à doutrina da ressurreição.

Parafrazeando Solzhenitsyn, podemos afirmar que “as células do coração que Deus criou para nos alegrarmos na ressurreição de Jesus, morrem por falta de uso”.

Nos últimos meses li o Novo Testamento com nova visão—olhos ressuscitados. Tenho a plena convicção de que a ressurreição corpórea de Jesus ao ter-

ceiro dia depois da crucificação, não é só uma das muitas verdades bíblicas: é a verdade na qual se fundamenta o plano da redenção. É neste ponto que a eternidade se impõe ao tempo, a morte se converte em porta para uma nova vida e o plano da salvação se confirma e estabelece.

A ressurreição de Jesus é o alicerce em que se funda e da qual depende toda a revelação escrita. Negando-a, diz Paulo, fica destruída a estrutura da nossa fé (I Coríntios 15:14, 17). A ressurreição não é mais um dos acontecimentos narrados na Bíblia—como elo de uma cadeia—é a própria cadeia da qual dependem todos os elos! Elimine-se esta verdade, e o resto ficará sem qualquer significado. Isto é, a ressurreição é a doutrina principal da teologia evangélica.

**A Ressurreição É a Base da Cristologia.** Porque “Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas”, e cremos n’Ele como “Senhor e Cristo” (Actos 2:32, 36). A humanidade de Jesus compreende-se melhor através do prisma da tumba vazia.

Assim, a cruz do Calvário não será mais ignomínia, mas demonstração vitoriosa do amor de Deus. Sem o milagre da ressurreição, a morte de Jesus assemelhar-se-ia à de outros líderes religiosos.

Com a ressurreição, os milagres, palavras e ensinamentos do Mestre adquirem novo significado. Quase todas as palavras de Cristo registadas na Bíblia têm relação com escritos judaicos ou do Velho Testamento. A ressurreição é o selo divino a comprovar que as palavras de Jesus se converteram na Palavra: “E o Verbo (Palavra) se fez carne e habitou entre nós” (João 1:14).

É difícil aceitar que alguns duvidem ou neguem o nascimento virginal de Jesus, ao contemplarem a Sua ressurreição.

Os acontecimentos posteriores—ascensão, descida do Espírito Santo, segunda vinda e juízo final—são passos lógicos na exaltação do Filho de Deus. A revelação que o apóstolo João teve na ilha de Patmos não foi resultado de êxtase místico, mas confissão duma certeza, declaração de fé baseada na ressurreição de Jesus Cristo: “Não temas; eu sou o primeiro e o último; e o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo, para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno” (Apocalipse 1:17, 18).

**A Ressurreição É a Base da Doutrina Sobre o Espírito Santo.** A dispensação do Espírito Santo tem o seu fundamento na ressurreição (João 14:19; 16:7; Lucas 24:46-49).

No dia de Pentecostes, de que falaram os discípulos cheios do Espírito Santo? Do êxtase do Espírito? Da inteira santificação? Não! De Cristo crucificado e ressurecto.

O sinal mais eloquente da presença do Espírito Santo está em o dom de línguas ser dado para glori-

ficar a Jesus crucificado e ressuscitado pelo poder de Deus, e exaltado como Senhor e Cristo. Quando alguém recebe o Espírito Santo, declara que Cristo vive.

A dispensação do Espírito Santo é o segundo passo lógico na exaltação do Filho, após a ressurreição (Karl Barth).

Compreender a unidade indivisível entre Cristo vivo e o Espírito Santo, ajuda a eliminar a tendência humana de dividir a Divindade, no zelo de explicar uma segunda obra da graça. Nos ouvintes fica, com frequência, a impressão de que crer em Cristo é o primeiro passo para a salvação. E ser cheios do Espírito é a segunda e mais profunda experiência—uma salvação completa. Pode-se daqui deduzir falsamente que o Espírito Santo é maior que o Filho e, em certo sentido, quem está cheio do Espírito Santo é superior àquele que só possui Jesus.

Não existe tal distinção determinativa de duas classes de crentes—filhos e super-filhos. O Espírito exalta o Filho; e o Filho envia o Espírito. O laço indissolúvel que Os une é a ressurreição. As divisões na obra da salvação originam-se na mente do homem e não em Deus. Considerar a dispensação do Espírito Santo dentro do contexto da exaltação do Filho, é compreender a verdadeira doutrina.

**A Ressurreição É a Base da Escatologia.** A segunda vinda de Cristo e os acontecimentos futuros ou apocalípticos não representam nova obra divina. Nem se trata de fenômeno cósmico revelado só aos intérpretes de sinais e símbolos. A *parusia* (termo grego que significa presença, vinda) é o terceiro passo, glorioso e final, da exaltação do Filho, no qual todos os crentes participarão com alegria (I Tessalonicenses 4:4; I Pedro 1:3-5).

Aquele que vem, já veio. Eu sei que Ele vem, porque ressuscitou e vive no céu o no meu coração. O sinal inequívoco da *parusia* é a ressurreição de Cristo. Não olhemos para os acontecimentos do Médio Oriente, mas para o sepulcro vazio, nossa esperança e certeza. Por Jesus ser o Senhor, viajamos neste mundo com alegria, confiança e fé no poder bendito de Deus.

**A Ressurreição É a Base da Salvação** (Romanos 10:9). Esta declaração de fé, o credo da Igreja Primitiva, não se baseia em determinado aspecto da morte expiatória de Cristo, mas na convicção de que Deus O ressuscitou dos mortos.

**A Ressurreição É a Base da Doutrina da Inteira Santificação** (Romanos 6:4-6). A libertação do pecado está directamente relacionada com a nossa identificação e participação na morte e ressurreição de Jesus. É pela crucificação e pela nova vida ressuscitada após a morte do eu, que se desfruta a gloriosa libertação do pecado (Gálatas 2:20).

**A Ressurreição É a Base da Teologia Pastoral.** Ao ouvir gritos, parei à porta da sala do hospital. Esperei. Pouco depois saiu o médico, a enfermeira e um

homem que devia ser marido da senhora que eu ia ver. Já a tinha visitado antes, mas agora acabava de saber que a doença era incurável.

Nunca esquecerei o brilho dos seus olhos enquanto lhe falava da ressurreição de Jesus. Durante os seus 54 anos nunca ouvira notícias tão animadoras—pelo menos de modo a compreendê-las e a apropriá-las. Disse-me que naquele momento cria em Cristo e aceitava-O em seu coração. Então operou-se nela uma mudança maravilhosa! Alguns dias depois recebeu a Santa Ceia pela primeira e última vez. Morreu com a evidência da graça na sua alma e com a esperança da vida eterna. E isto porque Deus não deixou Seu Filho no túmulo, mas ressuscitou-O dos mortos.

Quando todo o esforço humano parecer inútil, apresentemos ao homem necessitado a declaração esperançosa do Mestre: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá" (João 11:25).

Maranata! Vem, Senhor Jesus!

□



Uma obra excepcional produzida pelo compositor R. W. Stringfield. O arranjo coral foi feito por Dick Bolks, músico consagrado. Este lançamento da Lillenas vem enriquecer extraordinariamente a música do culto evangélico.

Preço U. S. \$2.50

Faça hoje a sua encomenda à  
**CASA NAZARENA  
DE PUBLICAÇÕES.**

# "É JÁ HOJE O TERCEIRO DIA"

—H. M. Von Stein

As sombras do anoitecer iam escurecendo as ruas da cidade. Poucos veículos passavam.

Enquanto eu caminhava por um dos passeios laterais, alguns jovens começaram a insultar-me de dentro dum carro. Eram estranhos e a sua atitude levou-me a pensar que seria mais prudente não dar ouvidos. Senti pena deles. Certamente, os jovens esperavam que eu me aproximasse para exigir explicação. Se o tivesse feito, talvez me acontecesse o que a outra pessoa, dias depois: feriram-na e atiraram-na ao rio.

Ao prosseguir caminho, pensei em dois homens que, há cerca de 2 000 anos, se dirigiam a Emaús em circunstâncias semelhantes. No seu trajecto abundavam perigos, ladrões e salteadores. Os viajantes teriam andado uns dez quilómetros e continuavam apressados para chegar a Emaús antes do anoitecer.

Também recordei um amigo que me faz continuamente perguntas como esta: "Que te leva a crer que há vida no além? Acaso alguém regressou de lá?"

Antes de chegar a casa, verifiquei que havia, pelo menos, três circunstâncias em comum entre as experiências mencionadas e a minha.

1. A dura realidade do meu perigo, foi a mesma para eles naquele tempo.
2. O meu amigo nunca consultara a Bíblia.
3. Todos concordavam que ninguém regressara depois da morte.

O acontecimento de Emaús sempre me pareceu obscuro até àquela experiência em que meditei nele para além da barreira da distância e do tempo. Pude compreender a preocupação e a necessidade dos discípulos. O seu Mestre e Amigo morrerá. Eles viram-no na cruz e acompanharam-no ao sepulcro. Em Jerusalém a notícia corria veloz. Enquanto atravessavam o descampado, trocavam impressões.

O futuro, repleto de promessas durante a vida de Jesus, parecia agora incerto e perigoso. Os outros discípulos estavam escondidos em Jerusalém.

Entretanto, os dois viajantes notaram a presença de outro que os alcançara sem dificuldade. Parecia um homem do campo, desejoso de companhia e de ouvir notícias. Perguntou-lhes de que falavam com tanta tristeza. Então eles disseram-lhe: "És tu só pe-

regrino em Jerusalém, e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias?" (Lucas 24:18).

O estranho perguntou: "Quais?" E eles contaram como Jesus, profeta poderoso em palavras e obras diante de Deus e de todo o povo, fora preso, condenado e crucificado. Ao falar encheram-se novamente de medo e desespero. "E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram" (Lucas 24:21). Falaram das mulheres que tinham ido ao sepulcro, que encontraram vazio, e duma visão de anjos. "E, alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro, e acharam ser assim, como as mulheres haviam dito; porém a ele não o viram" (Lucas 24:24).

Então o estranho, que parecia conhecer bem as Escrituras, deu-lhes uma lista de profecias relacionadas com o Messias.

Por que não reconheceram Jesus, estes discípulos que tinham falado e convivido com Ele? Talvez, em parte, devido à comoção que os dominou ao presenciarem a crucificação. Eram homens comuns, como você e eu. Tinham assistido aos milagres de Jesus, alguns difíceis de crer.

Para os que presenciaram a morte de Jesus, todos os Seus milagres pareciam insignificantes, comparados à notícia da Sua ressurreição.

O forasteiro aceitou o convite de pernoitar com eles. Sentaram-se à mesa para comer. Jesus levantando os olhos, abençoou o pão, partiu-o e lho deu. "Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes" (Lucas 24:31).

Num instante, o grande acontecimento histórico e espiritual foi comprovado por aqueles dois homens simples. Jesus vive! É o Messias!

Esqueceram os perigos do caminho e regressaram a Jerusalém. Deviam ter corrido a maior parte do tempo. Logo que chegaram, procuraram os apóstolos e exclamaram: "Vimos o Senhor, ressuscitou!"

Também hoje Ele se pode revelar a nós, se O convidarmos. Quando o fizermos, correremos como os discípulos de Emaús, a levar a notícia aos nossos vizinhos e amigos. Então a nossa vida terá novo significado e propósito. Glória a Deus! □

# a sua vitória e a nossa dádiva

—Francisco X. Ferreira\*

Todos os anos comemoramos a data gloriosa da Ressurreição do Senhor Jesus. Por que o fazemos? Julgo que a ideia de todos nós é, em primeiro lugar, a de louvar ao Senhor e participar, com os discípulos, a alegria que encheu os seus corações nesse já distante dia.

Que teria acontecido se o Senhor não tivesse ressuscitado dos mortos? Creio que os discípulos se sentiriam eternamente derrotados além de que seriam alvo da troça de toda a gente. A história da vida de Cristo teria terminado como se Ele, de facto, fosse um malfeitor como pretenderam os judeus incrédulos. Porém, a Ressurreição mudou a face das coisas porque o Senhor aparecera vivo no meio dos Seus discípulos e, segundo o testemunho de Paulo, mais de 500 irmãos viram-no ressurrecto. Toda a cabala urdida pelos judeus, no sentido de obliterar a memória e os ensinamentos do Senhor, ficou empanada ante a aurifulgente luz da manhã da Páscoa.

A Ressurreição veio trazer aos discípulos alento de que precisavam para encarar os seus inimigos; habilitou-os a darem aos outros os ensinamentos que receberam do Senhor Jesus.

O Novo Testamento nos diz que eles se tornaram testemunhas da Ressurreição. O depoimento daqueles homens foi reproduzido por escrito, verbalmente e ainda na própria vida deles. Vemos os primeiros frutos desse depoimento na menção dos irmãos do Senhor reunidos com os discí-

pulos (Act. 1:14). Outrora não creram que Jesus fosse o Messias, o Senhor (João 7:5), expulsaram-no de casa (João 7:3), acharam que Ele estava doido e quiseram prendê-Lo (Mar. 3:21). Agora, porém, vemo-los reunidos com os discípulos em obediência ao mandamento do Senhor: "... ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Luc. 24:49).

A Ressurreição terá dado aos irmãos do Senhor uma nova visão das coisas. Os judeus incrédulos, porém, ficaram conturbados, mentiram e arranjaram capangas para os ajudar nessa campanha de mentiras que ainda povoa as mentes mal formadas.

E para nós de hoje, que importância teve a Ressurreição? Em primeiro lugar somos seguidores de um Senhor VIVO; um SENHOR tão poderoso que nem a morte conseguiu vencê-LO; um SENHOR sempre presente na nossa vida quer na doença, quer na saúde, quer na tristeza quer na alegria, quer na carência quer na abundância, quer na vida quer na morte.

Ao cantarmos, ao testemunharmos, ao pregarmos nos escudamos na Ressurreição: sem ela, tudo seria vão (1 Cor. 15:14).

Não foi fácil aos discípulos anunciarem esta verdade. Alguns foram espancados, outros encarcerados e mortos; mas, a despeito de tudo isto, a verdade persistiu, triunfou e continuará a sua marcha vitoriosa até à Segunda Vinda do Senhor.

Não obstante, alguns continuam a negá-la, dizendo como os outros doutrora que Jesus é defunto. Mas a verdade insofismável, a verdade meridiana é que Jesus não ficou no túmulo; não porque os Seus discípulos foram pela noite roubar o Seu corpo, mas, porque dois anjos anunciaram às mulheres devotas que foram ao túmulo de manhã ainda cedo: "... porque buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou..." (Luc. 23:5 e 6). Estas mulheres saíram apressadas e foram anunciar estas novas aos discípulos.

Nós somos os continuadores dos que ouviram estas boas novas, não somente por as termos lido, mas também porque uma obra nova foi feita no nosso coração. Por isso, encontramos-nos empenhados nessa mesma luta.

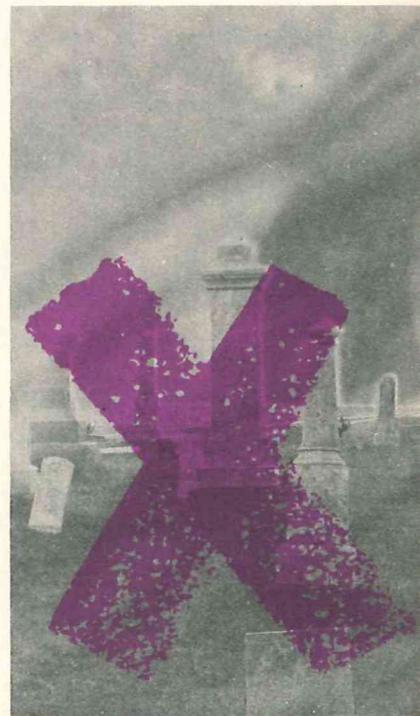
Enfileira-te conosco, irmão. Dá a tua Oferta de Páscoa, generosamente, para que outros conheçam esta verdade. □



\*Praia, Cabo Verde

# A GRANDE NEGACÃO

—W. E. McCumber



A ressurreição de Jesus foi uma afirmação extraordinária: o eterno sim de Deus à Pessoa e missão de Cristo. Constituiu o poderoso "Amém" do céu às qualidades da Sua vida e ao propósito da Sua morte. Confirmou a declaração de Jesus de ser Filho de Deus e Salvador dos homens.

Mas a ressurreição foi, também, uma grande negação. Ela rejeitou radicalmente as falsidades que têm atormentado e escravizado muitas pessoas. A ressurreição foi o "não" e o "sim" de Deus.

**A ressurreição de Jesus é o "não" de Deus à permanência no pecado.**

A humanidade não se lembra do primeiro ataque do pecado contra a sua existência. As recordações individuais e raciais desonram a natureza humana. A nossa época está tão carregada de tragédias que muitos perderam a capacidade de esperar. Parece que o pecado tem dominado sempre e continuará a fazê-lo.

A ressurreição diz "não" ao pecado. Este derramou toda a sua ira

na crucificação de Jesus. A ressurreição venceu o pecado e profetizou a sua destruição final. Foi o resplendor duma nova era em que todo o vestígio do pecado desaparecerá. A ressurreição é o arauto divino a anunciar a vinda da verdadeira justiça.

"Por que parece que o Diabo tem as armas mais poderosas?" Esta pergunta foi-me feita por um estudante enquanto falávamos sobre o progresso do mal nas condições do nosso mundo. Talvez todos compartilhemos deste sentimento de futilidade. A ressurreição de Jesus recorda-nos que o pecado foi vencido! A guerra, decidida. Não existe qualquer dúvida. Nada pode deter o triunfo final do Reino de Deus!

**A ressurreição de Jesus é o "não" de Deus à morte como o fim**

A morte é real. Filosofias e religiões que negam a sua autenticidade, atrofiam as mentes alucinadas. Mas, embora seja real, a morte não é o fim. Parece algo terrível quando contemplamos

cadáveres e choramos sobre as sepulturas. A morte nunca se mostrou mais genuína e vitoriosa que quando o corpo de Jesus, desfigurado e ensanguentado, foi retirado da cruz para ser posto no sepulcro. A vida mais verdadeira e nobre fora cruelmente arrancada da terra.

Mas Jesus ressuscitou ao terceiro dia! Deus pronunciou um eterno "não" à aparência da morte como o fim. Jesus está vivo e, para sempre, fora do alcance e poder da morte. Vida, e não morte, é o destino do povo de Deus. Para além do pó e da cinza que reduz a nossa existência a simples recordação, existe ressurreição e uma "cidade santa", onde não há cemitérios. Porque Ele vive, nós viveremos! A luz que irradia a tumba vazia ilumina as nossas lágrimas e cria um arco-iris de esperança imorredoura.

**A ressurreição de Jesus é o "não" de Deus à futilidade da vida.**

Vítimas do mal e ameaçadas de morte, muitas pessoas concluíram

# O reino do espírito

—R. W. Hayslip



Vivemos numa época de materialismo. Medimos o êxito dum homem pelo dinheiro que é capaz de obter e pela abundância das coisas que possui.

O materialismo dialéctico é a teoria que muda perante as forças materiais; é uma expressão social nas relações económicas que dirige o andamento da história e provê a energia motivadora. É a base da filosofia marxista, a qual nega Deus e o que é espiritual.

O mundo do espírito é o reino mais alto da existência. Embora vivendo num universo material, devemos participar nos benefícios da vida espiritual. Descobrimos este reino por meio de íntima relação com Deus.

Esta relação não nos afasta do mundo material; simplesmente nos fortalece de tal forma que podemos viver nele com vitória. Em Romanos 12:2, Paulo aconselha: "Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento".

A vida cheia do Espírito Santo é disciplinada. Deus dá força e poder, mas para sermos bons receptores desses dons, precisamos de manter comunhão com Ele. O homem adora a Deus através de exercícios devocionais de oração, leitura bíblica e vida diária em conformidade com as Escrituras.

A vida do Espírito é de felicidade; e a felicidade não se compra com dinheiro. Pascal disse: "A felicidade não está dentro nem fora de nós. Está na nossa união com Deus".

Felicidade é descobrir a vontade divina para as nossas vidas e pô-la em prática.

A nova vida encontra-se através do milagre da conversão. W. James, psicólogo, analisou cientificamente a conversão e ficou surpreendido com a rápida mudança operada na vida das pessoas com essa experiência.

O apóstolo Paulo escreveu: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram: eis que tudo se fez novo" (II Coríntios 5:17).

Certo legislador testificou que, ao consagrar a sua vida a Cristo, pediu a Deus que lhe perdoasse o seu egoísmo e o tornasse semelhante a Jesus. Declarou: "Posso dizer com sinceridade que uma vida consagrada é satisfatória, porque esse passo deu à minha vida propósito e direcção. Não fui eu, mas Jesus Cristo. Esta amizade e comunhão com Ele, traz paz e confiança necessárias para viver no século XX".

É esta a vida do Espírito. □

que a vida humana carece de significado. Consideram o homem como órfão indefeso num mundo insensível. Resumem a vida a uma luta diária pelo sustento. O resultado de amar, odiar, nascer, sofrer, viver e morrer—dizem—é nulo. Nada importa e ninguém conta. A corrida desenfreada da vida conduz à armadilha da morte. A vida é como album de caricaturas e o mundo como montão de sucata. O ódio e a frustração deste isolamento leva certas pessoas a pôr termo à vida e à dos outros.

A este sentimento derrotista, a ressurreição de Jesus diz "não". Existe um propósito na vida humana. Não estamos aqui por acaso, ou devido à matéria ou energia. Fomos criados para amar e servir a Deus, para amar e servir o próximo, como Jesus fez. E, se cumprirmos este propósito, nada—nem mesmo a morte—pode anular as nossas palavras e acções. "Aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre" (I João 2:17)—é esta a mensagem da Ressurreição! □

LIBRARY  
ENBC  
POSTFACH 109  
8201 SCHAFFHAUSEN  
SWITZERLAND

DEC PHH



Dê a sua revista favorita a seus amigos favoritos

# O ARAUTO DA SANTIDADE

Preencha, recorte e envie à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES

----- ✂

Nome \_\_\_\_\_ Nome \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_ Endereço \_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_ Nome \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_ Endereço \_\_\_\_\_

E.U.A.  
P.O. Box 527  
Kansas City, Missouri 64141

BRASIL  
C.P. 1008  
13.100-CAMPINAS, SP

CABO VERDE  
C.P. 60  
Mindelo, S. Vicente

PORTUGAL  
R. Castilho, 209, 5º. E.  
Lisboa 1

Assinatura anual—24 números—US\$2.00